

Estado da publicação: O preprint foi submetido para publicação em um periódico

# Estudo de Desenvolvimento, Validação e Fidedignidade do Instrumento de Avaliação dos Vieses de Atribuição (IAVA)

Tiago Figueiredo, Ana Carolina Marinho

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.12089>

Submetido em: 2025-05-26

Postado em: 2025-05-26 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

**Estudo de Desenvolvimento, Validação e Fidedignidade do Instrumento de  
Avaliação dos Vieses de Atribuição (IAVA)**

**Development and Validation Study of the Attributional Biases Assessment  
Instrument**

**Estudio de Desarrollo y Validación del Instrumento de Evaluación de Sesgos de  
Atribución**

**Título Abreviado:** Instrumento de Avaliação da Mentalização

Tiago Figueiredo, M.D., Ph.D.<sup>1</sup> (ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4369-268X>); Ana Carolina Marinho<sup>2</sup> (ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8456-4545>)

1- Instituto Cognus de Ensino e Pesquisa (ICEP), Distrito Federal, Brasil.

2- Departamento de Picobiologia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, Brasil.

**Contribuição de Autoria**

Tiago Figueiredo foi responsável pela conceitualização, investigação, administração do projeto, processamento dos dados e escrita do artigo. Ana Carolina Marinho contribuiu com a investigação e processamento dos dados.

**Conflitos de Interesse**

Nenhum dos autores possui qualquer conflito de interesse com o tema abordado neste estudo. A pesquisa não recebeu financiamento de nenhuma instituição.

**Agradecimentos**

À toda a equipe do Instituto Cognus e aos participantes que colaboraram fielmente com a pesquisa.

**Correspondência**

Tiago Figueiredo  
SGAS 915, 69/70, Sala 216, Asa Sul, Brasília-DF.  
E-mail: [tiagofigueiredosf@gmail.com](mailto:tiagofigueiredosf@gmail.com)

## **Resumo**

Este estudo apresenta o processo de desenvolvimento de uma nova medida de avaliação dos vieses de atribuição para uso clínico e em pesquisas sobre a cognição social, denominado Instrumento de Avaliação dos Vieses de Atribuição (IAVA). O IAVA se constitui numa medida de avaliação direta, em que avalia a percepção de causalidade e intencionalidade diante de contextos sociais ambíguos. Participaram do estudo 49 adultos com idades entre 18 e 55 anos, sendo 59% dos participantes do sexo feminino. Os dados revelaram excelentes índices de reprodutibilidade entre os avaliadores e o desempenho geral no IAVA se correlacionou significativamente com uma medida de tomada de perspectiva. O IAVA surge como uma medida confiável e válida para aferir a presença e o grau de vieses de atribuição na população brasileira.

**Palavras-chave:** Cognição Social; Atribuição; Psicometria; Percepção Social.

## **Abstract**

This study outlines the development process of a new instrument for assessing attributional biases in clinical and social cognition research, called the “Instrumento de Avaliação dos Vieses de Atribuição (IAVA).” The IAVA is a direct evaluation tool that measures perceptions of causality and intentionality in ambiguous social contexts. The study involved 49 adults aged 18 to 55 years (59% female). The results demonstrated excellent inter-rater reliability indices, and overall performance on the IAVA showed a significant correlation with a perspective-taking measure. The IAVA emerges as a reliable and valid tool for assessing the presence and degree of attributional biases within the Brazilian population.

**Keywords:** Attribution; Social Perception; Psychometrics; Cognitive Bias.

## **Resumen**

Este estudio presenta el proceso de desarrollo de una nueva medida para evaluar sesgos atribucionales en investigación clínica y de cognición social, denominado Instrumento de Avaliação dos Vieses de Atribuição (IAVA). El IAVA constituye una medida de evaluación directa que valora la percepción de causalidad e intencionalidad en contextos sociales ambiguos. Participaron 49 adultos de 18 a 55 años (59% mujeres). Los datos revelaron excelentes índices de reproducibilidad entre evaluadores, y el desempeño general en el IAVA se correlacionó significativamente con una medida de toma de perspectiva. El IAVA surge como una medida confiable y válida para evaluar la presencia y grado de sesgos atribucionales en la población brasileña.

**Palabras clave:** Atribución; Percepción Social; Psicometría; Sesgo Cognitivo.

## **Introdução**

As perspectivas atuais da Psicopatologia têm se caracterizado, dentre outros aspectos, pelo olhar mais detalhado para as alterações do funcionamento cognitivo que se associam com as manifestações em nível comportamental, sejam elas de natureza primária - relacionadas ao neurodesenvolvimento atípico - ou secundárias. Dentre as alterações cognitivas diretamente relacionadas com as manifestações psicopatológicas estão as relacionadas com a cognição social.

A cognição social é definida como os processos mentais subjacentes à capacidade de compreender e agir de acordo com os próprios pensamentos, intenções e comportamentos e de terceiros (Figueiredo e Mecca, 2024; Happé e Frith, 2014). Assim, os déficits que afetam a cognição social podem levar à interpretação errônea das intenções e pensamentos dos outros, bem como a imprecisões na identificação de pistas sociais de diferentes naturezas (Augostinos et al., 2006; Figueiredo e Mecca, 2024). Embora não haja um modelo único sobre os domínios componentes da cognição social, a mentalização surge como a habilidade central, visto estar relacionada com a capacidade do indivíduo de realizar atribuições acerca do próprio estado mental e de terceiros (Quesque et al., 2024; Figueiredo e Mecca, 2024). Os distúrbios da mentalização podem ser decorrentes de diferentes fatores e se apresentam como uma manifestação transdiagnósticas em psiquiatria.

O estilo de atribuição se refere a propensão do indivíduo para adotar um padrão particular ao interpretar as causas por trás de um evento, influenciando a maneira como a pessoa gera explicações causais para os desfechos positivos ou negativos de uma situação social (Bentall, 2001; Buchanan e Seligman, 1995). Seligman et al. (1984) propuseram

que o estilo atribucional de causalidade é definido por três dimensões, a depender das características do agente causal:

- (a) Dimensão interno-externo: refere-se a se a explicação para um evento é baseada nas características físicas, comportamentais ou cognitivas do self (ou seja, interno) ou é atribuída a fatores além do controle de um indivíduo (ou seja, externo). Os distúrbios neste domínio foram referenciados por Kinderman e Bentall (1997) como vieses de atribuição de personalização.
- (b) Dimensão estável-instável: envolve se a causa de um evento é vista como tendo efeitos duradouros (ou seja, estáveis) ou temporários (ou seja, instáveis).
- (c) Dimensão global-específica: diferencia entre causas que são percebidas como tendo impactos generalizados na vida do indivíduo (ou seja, globais) versus aquelas que afetam apenas áreas específicas de sua vida (ou seja, específicas).

De acordo com este modelo, indivíduos que apresentam um estilo atribucional desadaptativo (vieses de atribuição) tendem a apresentar prejuízos em níveis emocionais, cognitivos, baixa autoestima e pior repertório de enfrentamento diante de fatores estressores. Pesquisas mais recentes reafirmaram a associação entre os vieses de atribuição e o surgimento e manutenção de sintomas psicóticos e afetivos em todas as faixas de idade (Berry et al., 2015; Scaini et al., 2024).

A mensuração dos estilos de atribuição em pesquisa tem sido realizada, principalmente, através da aplicação de questionários de autorrelato. Por exemplo, o Questionário de Estilo Atribucional (Attributional Style Questionnaire - ASQ; Peterson et al., 1982) e o Questionário de Atribuições Internas, Pessoais e Situacionais (Internal, Personal, Situational Attributions Questionnaire - IPSAQ; Kinderman & Bentall, 1996) medem a presença de vieses cognitivos sociais (por exemplo, se um determinado resultado é causado por si mesmo, por outros ou a causa está relacionada a eventos

circunstanciais do ambiente), embora não investiguem a percepção do indivíduo em cenários sociais ambíguos e o grau de intencionalidade. Pesquisas sugerem que é em situações sociais ambíguas, onde faltam pistas situacionais, que os vieses cognitivos sociais podem ser mais fortes e podem ser mal percebidas como hostis e ameaçadoras (Crick & Dodge, 1994; Combs, Penn e outros, 2006; Freeman, Dunn, et al., 2005). Portanto, uma medida que inclua dados de intencionalidade diante de situações sociais ambíguas pode aprimorar a compreensão da cognição social e diversas manifestações psicopatológicas.

O objetivo deste estudo foi examinar as propriedades psicométricas de uma nova medida sensível a vieses cognitivos sociais, o Instrumento de Avaliação dos Vieses de Atribuição (IAVA), em uma amostra de participantes clínicos. O uso de uma amostra clínica aleatória é justificado por descobertas que indicam que vieses sociocognitivos e características comportamentais estão presentes em amostras com diferentes perfis diagnósticos e em indivíduos não-clínicos, o que apoia a ideia de que os estilos de atribuição existem em um continuum (Combs et al., 2007; Combs, Michael e Penn, 2006; Combs, Penn e Mathews, 2003). Foram examinadas as medidas de validade e fidedignidade do IAVA.

## **2. Métodos**

### ***2.1 As Etapas de Desenvolvimento do IAVA***

O Instrumento de Avaliação dos Vieses de Atribuição (IAVA) foi desenvolvido seguindo as três etapas propostas por Cronbach e Meehl (1955): a) validade de conteúdo, b) validade de critério, c) validade de construto.

Fase 1

Um processo de revisão abrangente foi conduzido utilizando as bases de dados PubMed e ScieLo para extrair dados sobre instrumentos de aplicação direta utilizados para aferir os estilos e vieses de atribuição no campo de pesquisa. Cada instrumento foi analisado, os principais pontos de aferição foram listados e quaisquer lacunas foram devidamente identificadas. Esse processo também foi útil para fundamentar a elaboração das situações sociais hipotéticas e do crivo de codificação de pontos, que seguiu a descrição de estudos prévios (Bentall et al., 1994; Combs et al., 2007).

Foi verificada enorme concordância entre os instrumentos analisados acerca do fato de que as vinhetas sociais deveriam ser elaboradas de forma que traduzissem ambiguidade em todas as situações interpessoais hipotéticas. Além disso, estudos anteriores descrevem que os distúrbios do estilo da atribuição podem ser decorrentes de alterações na interpretação da causalidade e intencionalidade. Ambos esses aspectos foram incluídos no guia de codificação das respostas (ver tabela abaixo). Por último, a escolha dos cenários hipotéticos contextuais seguiu alinhada às normas culturais brasileiras.

## Fase 2

A segunda etapa da elaboração do instrumento envolveu a geração de quatro situações sociais hipotéticas que, posteriormente, foram analisadas por dois juízes (um psicólogo e um psiquiatra) com nível de doutorado, separadamente, a fim de garantir a validade de conteúdo. Além disso, os juízes foram convidados a avaliar o crivo de respostas que guia a atribuição de pontos acerca do desempenho do entrevistado. Os juízes foram encarregados de verificar possíveis erros sintáticos e gramaticais, além de avaliar a validade aparente de cada uma das situações sociais hipotéticas. Os especialistas classificaram cada vinheta social usando uma escala de quatro pontos: (1 = não relevante;

2 = revisão necessária para estabelecer a relevância; 3 = relevante, mas precisa de pequenas alterações; 4 = muito relevante) e puderam fazer observações livremente sobre a clareza da descrição dos itens que guiassem a atribuição de pontos (Polit & Beck, 2006; Davis, 1992). Após a análise dos especialistas, correções mínimas foram necessárias e a versão final foi estabelecida.

### Fase 3

Após a avaliação da validade de conteúdo pelos juízes, a versão final do IAVA permaneceu constituída por quatro vinhetas sociais que traduzem um cenário de causalidade e intencionalidade ambíguos, a serem julgadas pelo entrevistado. As situações foram apresentadas separadamente e de maneira sistematizada para todos os participantes. Após a leitura da vinheta social pelo avaliador, o participante era convidado a imaginar que a situação descrita estava acontecendo com ele e, em seguida, deveria responder a perguntas como “Como você entende o que aconteceu nesta situação?”, “Você acha que a outra pessoa agiu de propósito?”, para que as suas compreensões de causalidade e intencionalidade fossem avaliadas em cada uma das situações apresentadas. As respostas do participante foram registradas (gravadas e transcritas) para, em seguida, serem codificadas pelo avaliador com base no crivo apresentado no quadro abaixo.

<b>Avaliação do Grau de Personalização (Causalidade)</b>	
0	Atribuição causal despersonalizada e circunscrita à situação atual.
1	Atribuição causal despersonalizada, porém, de ordem global.
2	Atribuição causal a um fator pessoal (externo ou interno), porém de ordem situacional circunscrita.
3	Atribuição causal associada com fator pessoal (externo ou interno) e de ordem global.

<b>Avaliação do Grau de Intencionalidade</b>	
0	Sem intencionalidade ou propósito – totalmente ao acaso
1	Predominantemente sem propósito identificado
2	Propósito identificado como incerto
3	Intencional, a depender da presença de outra pista social
4	Totalmente intencional e com propósito bem definido.

A codificação das respostas em cada uma das situações sociais permite gerar os índices do grau de personalização e de intencionalidade, que correspondem à soma dos números gerados nas quatro situações a partir da investigação da percepção de causalidade e intencionalidade, respectivamente. Por último, o índice geral no IAVA é gerado a partir da soma dos índices de personalização e intencionalidade. Quanto maior a pontuação no IAVA, maior a severidade do viés de atribuição identificado.

## **2.2 A Coleta dos Dados**

Adultos avaliados em um serviço privado de saúde mental entre julho de 2023 e fevereiro de 2025 foram convidados a participar, independente dos motivadores da busca pela avaliação, embora tenham sido excluídos do estudo indivíduos com  $QI < 80$  ou que tivessem histórico de síndrome genética ou doenças neurológicas. O consentimento do participante foi obtido por meio de assinaturas manuais em formulários de consentimento. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAAE: 74921623.3.0000.5263), garantindo a conduta ética da pesquisa.

Além de serem submetidos ao IAVA, os participantes preencheram a Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal (EMRI) e a versão brasileira da escala Depression, Anxiety, and Stress Scale – Short Form (DASS-21).

Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal – EMRI se trata de um instrumento desenvolvido por Davis (1983) e adaptado para o contexto brasileiro por Ribeiro et al. (2002). É composto por 21 itens objetivos, que devem ser respondidos em uma escala de 5 pontos (1 = baixa empatia e 5 = alta empatia). É um instrumento tipo lápis e papel que mede empatia de duas dimensões emocionais (consideração empática e angústia pessoal) e uma cognitiva (tomada de perspectiva). A dimensão da consideração empática (CE) está relacionada a sentimentos direcionados aos outros e motivação para ajudar pessoas necessitadas, perigo ou desvantagens. A angústia pessoal (AP) endossa as sensações emocionais de desconforto, incômodo e desprazer dirigidas para o self, quando o indivíduo imagina o sofrimento de terceiros. Por último, a tomada de perspectiva (TP) mede a capacidade cognitiva do indivíduo de se colocar no lugar de outras pessoas, reconhecendo e inferindo o que elas pensam e sentem. De acordo com Ribeiro et al. (2002), a escala de empatia apresentou alfas que variaram de 0.50 a 0.67, bem como, correlações significativas entre os três fatores. Dada a proximidade de relação conceitual, o índice de tomada de perspectiva foi usado para testar a validade externa do IAVA.

A versão da DASS-21 utilizada para este estudo foi uma adaptação da versão utilizada para adultos brasileiros por Machado e Bandeira, 2013, mantendo as três subescalas para avaliar sintomas de depressão, ansiedade e estresse. Na DASS-21, os participantes indicam o grau em que experimentam cada um dos sintomas descritos nos itens durante a última semana (semana anterior), em uma escala do tipo Likert de 4 pontos entre 0 (não se aplica a mim) e 3 (aplica-se muito a mim, ou a maior parte do tempo). Pontuações para depressão, ansiedade e estresse são determinadas pela soma dos escores dos 21 itens. A estrutura fatorial da DASS-21 é estável e possui validade convergente e discriminante aceitáveis (Lovibond & Lovibond, 1995). Os dados coletados através da DASS-21 foram usados para caracterização da amostra incluída neste estudo.

### 3. Análise dos Dados

A análise da fidedignidade consiste em avaliar a estabilidade ou precisão da medida de um teste. Dentre os principais métodos para a análise de tal propriedade estão a concordância entre avaliadores, realizada neste estudo por meio do cálculo do kappa de Cohen, e a validade interna do instrumento, através do cálculo do índice de correlação intraclass - ICI (Pasquali, 2006).

A validade de construto do IAVA foi realizada mediante análise de correlação com o índice de tomada de perspectiva da EMRI. Foram, então, avaliadas as relações entre o desempenho no IAVA de acordo com o sexo e a caracterização amostral de acordo com a presença de sintomas afetivos. Para isso, o desempenho de homens e mulheres foi comparado por meio do teste t de Student, com um nível de significância de  $p < 0,05$  para todas as análises.

### 3. Resultados

#### 3.1 Participantes

Os dados foram coletados de 49 participantes com idades entre 18 e 55 anos (média = 29,71 e desvio-padrão = 10,9), sendo 29 (59%) do sexo feminino. As características da amostra, bem como a análise comparativa de acordo com o sexo, estão apresentadas na tabela abaixo.

Variável	Sexo Masculino (N=20)	Sexo Feminino (N=29)	Análise Estatística
Idade	31,26 (DP=10,10)	28,73 (DP=11,5)	T=0,782, p=0,43

Sintomas Depressivos	12,21 (DP=6,51)	9,46 (DP=5,85)	T=1,53, p=0,13
Sintomas Ansiosos	10,57 (DP=4,28)	9,40 (DP=5,00)	T=0,84, p=0,40
Níveis de Estresse	10,15 (DP=5,15)	8,33 (DP=3,84)	T=1,41, p=0,16
Tomada de Perspectiva	20,66 (DP=4,99)	22,95 (DP=5,09)	T=-1,36, p=0,18
Consideração Empática	25,33 (DP=5,60)	28,95 (DP=4,67)	T=-2,15, <b>p&lt;0,05</b>
Angústia Pessoal	18,00 (DP=3,16)	20,52 (DP=5,35)	T=-1,64, p=0,10
Grau de Causalidade	5,68 (DP=3,30)	4,46 (DP=3,08)	T=1,31, p=0,19
Grau de Intencionalidade	5,89 (DP=3,79)	6,26 (DP=3,64)	T=-0,342, p=0,73
IAVA – Escore Total	11,57 (DP=6,92)	10,73 (DP=6,14)	T=0,447, p=0,657

A análise comparativa de acordo com o sexo não revelou diferenças significativas entre os níveis de sintomatologia depressiva, ansiosa ou de estresse entre os participantes. A análise comparativa entre o desempenho atingido pelos indivíduos do sexo masculino e feminino no IAVA também não revelou diferenças significativas em nenhum dos índices de causalidade, intencionalidade ou no desempenho geral. Contudo, foi verificada diferença significativa entre os participantes do sexo masculino e feminino quanto aos índices de consideração empática ( $t=-2,15$ ,  $p<0,05$ ).

### 3.2 Análise dos Critérios de Fidedignidade

A primeira análise de fidedignidade do IAVA ocorreu com a análise comparativa da codificação dos registros de resposta dos participantes, realizada por dois avaliadores separadamente. O grau de concordância entre os avaliadores foi satisfatório e excelente (Landis e Koch, 1977). A tabela abaixo apresenta os dados estatísticos da análise.

	Kappa de Cohen	Intervalo de Confiança (95%)
<b>Grau de Causalidade</b>		
Situação 01	0,887	0,782-0,992
Situação 02	0,880	0,754-1,00
Situação 03	0,911	0,815-1,00
Situação 04	0,873	0,757-0,989
<b>Grau de Intencionalidade</b>		
Situação 01	0,897	0,800-0,993
Situação 02	0,858	0,736-0,981
Situação 03	0,870	0,762-0,978
Situação 04	0,843	0,721-0,964

Em seguida, a fidedignidade do IAVA foi testada pelo cálculo do índice de correlação intraclasse (ICI) para ambas as medidas de causalidade e intencionalidade. O ICI de causalidade nas quatro situações foi 0,359 (IC 95%=0,214-0,519). Esse resultado indica um grau fraco de correlação entre as quatro situações apresentadas no instrumento, indicando que o viés de atribuição de causalidade pode sofrer influência do contexto social apresentado (Koo e Li, 2016). Nessa mesma linha, o ICI do grau de intencionalidade nas quatro situações foi de 0,218 (IC 95% = 0,083-0,381). No entanto,

a correlação entre o índice de causalidade e o índice de intencionalidade foi significativa e forte ( $r=0,738$ ,  $p<0,001$ ).

### **3.3 A Análise de Validade do Construto**

A análise de validade dos construtos medidos pelo IAVA (causalidade e intencionalidade) foi realizada através da correlação com o índice de tomada de perspectiva do IRI. A correlação entre a medida de tomada de perspectiva e o índice de causalidade do IAVA não foi significativa ( $r=-0,290$ ,  $p=0,07$ ), embora tenha sido significativa com o grau de intencionalidade ( $r=-0,433$ ,  $p<0,01$ ) e com o escore total atingido no IAVA ( $r=-0,389$ ,  $p<0,05$ ). A análise de regressão linear se revelou significativa tanto para o grau de intencionalidade [ $F(36,1)=8,298$ ,  $p<0,01$ ], quanto para o escore total do IAVA [ $F(36,1)=6,43$ ,  $p<0,05$ ].

## **4. Discussão**

O objetivo do presente estudo foi apresentar as etapas de elaboração e testar as propriedades psicométricas do Instrumento de Avaliação dos Vieses de Atribuição (IAVA), útil para a avaliação observacional direta da presença de vieses de atribuição e desenvolvido para ser aplicado na população brasileira. A elaboração do IAVA combinou propostas de modelos teóricos anteriores e a opinião de especialistas.

Em relação à fidedignidade do IAVA, o instrumento demonstrou resultados muito bons dos níveis de reprodutibilidade entre avaliadores em ambos os domínios de causalidade e intencionalidade. Com base nesses resultados, o IAVA parece ser uma medida confiável. Contudo, os dados relativos à consistência interna foram pouco significativos, tanto para as medidas de causalidade quanto de intencionalidade. Esse último achado reforça a ideia de que a utilização de contextos variados é essencial para

ampliar a sensibilidade de identificação de possíveis vieses de atribuição. Além disso, esse achado vai ao encontro de evidências anteriores, que indicam haver variabilidade significativa no grau dos vieses de atribuição a depender do contexto interpessoal (Dodge et al., 2015).

A análise de validade externa de conteúdo foi realizada entre o desempenho atingido pelo participante no IAVA e uma medida de tomada de perspectiva de autorrelato. Os resultados demonstraram correlação significativa entre o desempenho geral no IAVA e a pontuação na escala. Contudo, é válido destacar que a natureza entre essas duas medidas de conteúdo não versa especificamente sobre o mesmo construto, embora diretamente relacionados e há uma tendência em se perceber ausência de correlação significativa entre medidas de autorrelato e observacionais na avaliação da competência social (Oliveros et al., 2023). Por último, embora existam evidências que indicam haver diferenças significativas nas medidas de cognição social entre homens e mulheres, os resultados deste estudo não indicaram diferenças significativas quanto à presença de vieses de atribuição de acordo com o sexo (Vaskin et al., 2024).

Há várias limitações do estudo que devem ser aqui abordadas. Primeiro, não foram coletados dados sobre a estabilidade teste-reteste do IAVA. Bentall et al. (2001) argumentaram que as atribuições devem ser consideradas fenômenos mentais dinâmicos que podem variar ao longo do tempo. Por essa mesma razão, o desenvolvimento de medidas de atribuição com bons índices de estabilidade temporal pode ser desafiador. No entanto, dado que este é um componente importante do processo de desenvolvimento de novos instrumentos, sugere-se que essa verificação seja tentada em pesquisas futuras. Em segundo lugar, é fundamental que o IAVA seja validado em amostras não-clínicas. Em terceiro lugar, a utilização de medidas de autorrelato para a validação de conteúdo não se

traduz no método ideal, pois a EMRI contém itens que não avalia diretamente a presença de vieses de atribuição.

## 5. Referências Bibliográficas

Augoustinos, M., Walker, I., & Donaghue, N. (2006). *Social cognition: An integrated introduction* (2nd ed.). SAGE Publications.

Bentall, R. P. (2001). Social cognition and delusional beliefs. In P. W. Corrigan & D. L. Penn (Eds.), *Social cognition and schizophrenia* (pp. 123-148). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10407-005>

Bentall, R. P., Kinderman, P., & Kaney, S. (1994). The self, attributional processes and abnormal beliefs: Towards a model of persecutory delusions. *Behaviour Research and Therapy*, 32(3), 331-341. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(94\)90131-7](https://doi.org/10.1016/0005-7967(94)90131-7)

Berry, K., Wearden, A., Barrowclough, C., & Liversidge, T. (2015). Attachment styles, interpersonal relationships and psychotic phenomena in a non-clinical student sample. *Personality and Individual Differences*, 25(2), 321-326. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.07.032>

Buchanan, G. M., & Seligman, M. E. P. (Eds.). (1995). *Explanatory style*. Lawrence Erlbaum Associates.

Combs, D. R., Michael, C. O., & Penn, D. L. (2006). Paranoia and emotion perception across the continuum. *British Journal of Clinical Psychology*, 45(1), 19-31. <https://doi.org/10.1348/014466505X29099>

Combs, D. R., Penn, D. L., & Mathews, R. C. (2003). Implicit learning and subclinical psychotic experiences: Implications for pathogenesis. *Schizophrenia Research*, 60(1), 21-28. [https://doi.org/10.1016/S0920-9964\(02\)00325-5](https://doi.org/10.1016/S0920-9964(02)00325-5)

Combs, D. R., Penn, D. L., Wicher, M., & Waldheter, E. (2007). The Ambiguous Intentions Hostility Questionnaire (AIHQ): A new measure for evaluating hostile social-

cognitive biases in paranoia. *Cognitive Neuropsychiatry*, 12(2), 128-143. <https://doi.org/10.1080/13546800600787854>

Crick, N. R., & Dodge, K. A. (1994). A review and reformulation of social information-processing mechanisms in children's social adjustment. *Psychological Bulletin*, 115(1), 74-101. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.115.1.74>

Cronbach, L. J., & Meehl, P. E. (1955). Construct validity in psychological tests. *Psychological Bulletin*, 52(4), 281-302. <https://doi.org/10.1037/h0040957>

Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44(1), 113-126. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.44.1.113>

Dodge, K. A., Malone, P. S., Lansford, J. E., Sorbring, E., Skinner, A. T., Tapanya, S., Tirado, L. M., Zelli, A., Alampay, L. P., Al-Hassan, S. M., Bacchini, D., Bombi, A. S., Bornstein, M. H., Chang, L., Deater-Deckard, K., Di Giunta, L., Oburu, P., & Pastorelli, C. (2015). Hostile attributional bias and aggressive behavior in global context. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 112(30), 9310–9315. <https://doi.org/10.1073/pnas.1418572112>

Figueiredo, T., & Mecca, T. P. (2024). *Cognição Social: Um Guia para a Compreensão do Comportamento Social*. Ed. Ampla.

Freeman, D., Dunn, G., Garety, P. A., Bebbington, P., Slater, M., Kuipers, E., Fowler, D., Green, C., Jordan, J., & Ray, K. (2005). The psychology of persecutory ideation II: A virtual reality experimental study. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 193(5), 309-315. <https://doi.org/10.1097/01.nmd.0000161686.53215.35>

Happé, F., & Frith, U. (2014). Annual Research Review: Towards a developmental neuroscience of atypical social cognition. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 55(6), 553-577. <https://doi.org/10.1111/jcpp.12162>

Kinderman, P., & Bentall, R. P. (1996). A new measure of causal locus: The Internal, Personal and Situational Attributions Questionnaire. *Personality and Individual Differences*, 20(2), 261-264. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(95\)00186-7](https://doi.org/10.1016/0191-8869(95)00186-7)

Kinderman, P., & Bentall, R. P. (1997). Causal attributions in paranoia and depression: Internal, personal, and situational attributions for negative events. *Journal of Abnormal Psychology, 106*(2), 341-345. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.106.2.341>

Lovibond, S. H., & Lovibond, P. F. (1995). *Manual for the Depression Anxiety Stress Scales* (2nd ed.). Psychology Foundation.

Machado, W. L., & Bandeira, D. R. (2013). Adaptação brasileira da Depression, Anxiety and Stress Scale-21 (DASS-21): Evidências de validade fatorial e consistência interna. *\*Psico-USF, 18*(2), 293-302. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712013000200014>

Oliveros, J. C., Santiesteban, I., & Ulloa, J. L. (2023). Can measures of social cognition predict autistic traits?. *Acta psychologica, 240*, 104056. <https://doi.org/10.1016/j.actpsy.2023.104056>

Pasquali, L. (2006). *Psicometria: Teoria dos testes na psicologia e na educação* (2nd ed.). Vozes.

Peterson, C., Semmel, A., von Baeyer, C., Abramson, L. Y., Metalsky, G. I., & Seligman, M. E. P. (1982). The Attributional Style Questionnaire. *Cognitive Therapy and Research, 6*(3), 287-300. <https://doi.org/10.1007/BF01173577>

Polit, D. F., & Beck, C. T. (2006). The content validity index: Are you sure you know what's being reported? Critique and recommendations. *Research in Nursing & Health, 29*(5), 489-497. <https://doi.org/10.1002/nur.20147>

Quesque, F., Apperly, I., Baillargeon, R. *et al.* Defining key concepts for mental state attribution. *Commun Psychol 2, 29* (2024). <https://doi.org/10.1038/s44271-024-00077-6>

Ribeiro, J., Koller, S.H., Camino, C. (2002). Adaptação e validação de duas escalas de empatia para o uso no Brasil. *Estudos de Psicologia, 18* (3): 43-53.

Scaini, S., Grazioli, S., Giani, L., Forresi, B., De Francesco, S., & Caputi, M. (2024). Attributional Styles and Their Impact on Depressive and Anxious Symptoms in Italian Children: Insights from the Italian Children's Attributional Style Questionnaire-Revised

(CASQ-R). *Pediatric reports*, 16(4), 1134–1148.  
<https://doi.org/10.3390/pediatric16040096>

Seligman M.E.P., Kaslow N.J., Alloy L.B., Peterson C., Tanenbaum R.L., Abramson L.Y. Attributional style and depressive symptoms among children. *J. Abnorm. Psychol.* 1984; 93:235–238. doi: 10.1037/0021-843X.93.2.235.

Vaskinn, A., Ueland, T., Melle, I., & Sundet, K. (2024). Sex differences in social cognition among individuals with schizophrenia and in healthy control participants: a secondary analysis of published data. *Archives of women's mental health*, 27(5), 661–667. <https://doi.org/10.1007/s00737-024-01422-8>

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.